A INSERÇÃO DOS ANIMAIS NA ESCOLA: AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS NA NATUREZA

VALESCA BRAGANTINI TELLINI

RESUMO

O presente artigo não segue um sentido contrário, mas distinto e complementar, ao lado de pedagogias padronizadas. Não se almeja a crítica negativa destas, e, sim, a colaboração para a constituição de opções de práticas alternativas de ensino-aprendizagem com animais, perpassando-se obstáculos impostos às práticas e motivações sociais e ambientais para a existência das mesmas. Logo após, tem-se a abordagem sobre as concepções de AAA (Atividade Assistida por Animais), EAA (Educação Assistida por Animais), IAA (Intervenção Assistida por Animais) e TAA (Terapia Assistida por Animais) e sobre algumas experiências otimistas e já praticadas em escolas. Para se finalizar, apresentam-se os resultados dessas práticas: os alunos desenvolvendo habilidades de coordenação motora, afetividade, respeito e responsabilidade e os seus possíveis efeitos, a longo prazo, para uma melhor humanidade e um tratamento da natureza e para os animais. O método conduzido é o bibliográfico, baseado em pesquisadores com artigos publicados sobre análises experimentadas do ensino por meio de animais e em autores das áreas de ativismo, jornalismo, biologia, filosofia, psicologia, sociologia e pedagogia.

Palavras Chave: Afetividade. Animais. Educação. Respeito. Responsabilidade.

INTRODUÇÃO

É possível a efetivação da aprendizagem em crianças e adolescentes por meio do contato com animais dentro da escola? Não seja, talvez, essa prática recorrente – pelo fato de outras pedagogias se perpetuarem –, pois o tema foi pouco investigado e só se encontram pouquíssimos materiais para análise. Todavia, na nossa atual conjuntura do século XXI – uma sociedade permeada por vários tipos de violência e pela degradação da natureza –, ela pode ser extremamente necessária para o desenvolvimento de habilidades físicas e socioemocionais e de melhores cidadãos.

Hipoteticamente, têm-se as respostas dessas problematizações em: a aprendizagem com animais é provável e verificada por algumas práticas já testadas e estudadas em pesquisas científicas; não, somente, a TAA (Terapia Assistida por Animais) é realizável, mas, também, a EAA (Educação Assistida por Animais) o é; outras pedagogias são focos de estudos e tradicionalizadas nas escolas, não havendo abertura para o trabalho com animais no Brasil; nossa sociedade, local ou global, até hoje, 2022, mostra-se como humanidade insensível, irracional, violenta com quaisquer seres e destruidora da própria morada pelo motivo ganancioso do consumismo capitalista; e o ensino com animais capacita os alunos, desde a infância, a desenvolverem coordenação motora, afetividade e respeito pelo próximo e responsabilidade com suas atividades diárias, profissionais e cidadãs.

No mundo atual, a agressividade do ser humano para com outrem e a hostilidade do mesmo contra o ecossistema generalizaram-se e aculturaram-se, alimentando a atrativa, desenfreada e competitiva difusão do capitalismo. Cada vez mais, torna-se aparentemente comum, sem que nada se faça, o visualizar de falas e atos de machismo, capacitismo, etarismo, bullying, especismo, xenofobia, intolerância religiosa, intransigência político-ideológica, etnocentrismo, violência doméstica, relacionamento abusivo, etc., desnecessidade consumista, queimadas, efeito estufa, aquecimento global, desmatamento, extinção da biodiversidade de flora e fauna, eliminação de povos indígenas, erosão e desertificação do solo, assoreamento de rios, desequilíbrio da cadeia alimentar, agropecuária em demasia, poluição do ar, do solo e das águas, enchentes, chuva ácida, destruição da camada de ozônio. Nossas crianças crescem e se transformam em adultos hostis e acríticos.

Tendo-se tudo isso em vista, tal é a relevância dessa pesquisa: a superação de preconceitos e a consciência sociocultural e socioambiental. O que se possibilita obter, facilmente, através do contato dos alunos com animais em sua passagem escolar. Por isso, o assunto investigado, aqui, visa denotar essa possibilidade e a sua contribuição universal: bom funcionamento do organismo humano; habilidades de afetividade com os animais e, consequentemente, com a natureza e as pessoas (cuidado, atenção, amorosidade); habilidades de respeito ao que for diferente de si, no reconhecimento da discriminação social e cultural e na não aceitação desta (cortesia, empatia); habilidades de responsabilidade, a fim de que se alcance o entendimento dos direitos e deveres para com seus afazeres e o futuro, o próprio (noção de incumbências e compromissos diários estudantis, noção de ética na profissão escolhida, noção de reflexão e discernimento na vivência capitalista, democrática, política e cidadã) e, porventura, o do planeta, com um devir ativista por alternativas biossustentáveis.

A finalidade mor desta pesquisa trata-se da desconstrução da ideia da impossibilidade do trabalho, envolvido por animais, do professor com seus estudantes, transvalorando os limites objetores do âmbito educacional, a caminho do engendramento da conscientização crítica das relações pessoais com quaisquer seres vivos, naturais ou culturais, e da sobrevivência de Gaia (Mãe-Terra), como é nomeada a natureza na mitologia grega.

Necessariamente, seus objetivos específicos são: investigação e comparação de pedagogias há muito conservadas; verificação e questionamentos das interferências para a não utilização da prática do ensino com animais; avaliação e entendimento dos motivos problemáticos – características sociais e ambientais em decadência – pelos quais a aplicação dessa prática é essencial e urgente; diferenciação e compreensão entre as expressões AAA (Atividade Assistida por Animais), EAA (Educação Assistida por Animais), IAA (Intervenção Assistida por Animais), TAA (Terapia Assistida por Animais); apontamento e análise de experiências da prática da aprendizagem com animais já estudadas; observação e discussão sobre as habilidades resultantes nos alunos – desenvolvimento de coordenação motora,

afetividade, respeito e responsabilidade; e conscientização e valoração das boas consequências dessa prática, em direção a uma melhor vivência e convivência individual, profissional, intragrupo e intergrupos, política, com os animais e de proteção ao meio ambiente.

A metodologia desta pesquisa usa o método de investigação bibliográfico, a fim de abarcar estudos de caso realizados, anteriormente, por vários pesquisadores com artigos publicados. O campo da aprendizagem com animais na Educação Básica brasileira não é amplo, o que dificulta a sua procura, o conhecimento dele e a institucionalização do seu exercício. Entretanto, sua fundamentação epistemológica admite plausibilidade, outrossim, em áreas diversas: ativismo, jornalismo, biologia, filosofia, psicologia, sociologia e, é claro, pedagogia.

No livro A reprodução: elementos para uma teoria de ensino, de Jean-Claude Passeron, famoso sociólogo epistemólogo francês e Diretor de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, e Pierre Bourdieu, renomado filósofo e sociólogo francês, reúnem-se estudos embasados na teoria educacional e social bourdieuana e, especificamente, na sua concepção de violência simbólica. Em O papel da escola na desconstrução do racismo, de Cristiane da Silva Braga, Pós-Graduada em Direito Educacional e Professora de História na Rede Municipal e Estadual de São Paulo, e Nos labirintos da moral, de Mario Sergio Cortella, grande filósofo e pedagogo brasileiro e Professor Titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e de pósgraduação em Educação da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), e Yves de La Taille, Livre-Docente e Chefe do Laboratório de Estudos do Desenvolvimento e da Aprendizagem do Instituto de Psicologia da USP, analisam-se as condutas escolar e familiar sociais.

Somos todos Greta: inspire-se para salvar o mundo, de Valentina Giannella, jornalista italiana e Cofundadora da agência jornalística Mind the Gap, Nossa casa está em chamas: ninguém é pequeno demais para fazer a diferença, de Greta Thunberg, jovem líder ativista ambiental sueca, portadora da Síndrome de Asperger, representante em conferências da ONU (Organização das Nações Unidas) e indicada ao Prêmio Nobel da Paz, Malena Ernman, cantora de ópera sueca e mãe de Greta, Svante Thunberg, ator sueco e pai de Greta, e Beata Ernman, cantora sueca, influenciadora digital, escritora e irmã de Greta, e Como os animais salvaram minha vida, de Luisa Mell, ativista brasileira em defesa dos animais, apresentadora, atriz, escritora, formada em Direito e Teatro pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuante na política e Fundadora do abrigo Instituto Luisa Mell, abordam as problemáticas sobre o mau tratamento do meio ambiente e dos animais.

As obras Iniciação à atividade intelectual e motora pelos jogos educativos, de Jean-Ovide Decroly, importante pensador belga, médico, neuropsiquiatra, psicólogo, pedagogo e Professor da Universidade de Bruxelas, e Eugénie Monchamp, colaboradora de Decroly no estudo e ensino de crianças com necessidades especiais, Ensaio de psicologia sensível, de Célestin Freinet, respeitável pedagogo francês, formado no Magistério e Profes-

sor de Escola Primária e O último abraço da matriarca: as emoções dos animais e o que elas revelam sobre nós, de Frans de Waal, considerável zoólogo, primatólogo e etólogo holandês, Doutor em Biologia pela Universidade de Utrecht e Professor no Departamento de Psicologia da Universidade Emory, aprofundam a cognição pela afetividade.

E, finalmente, Jean Marlos Pinheiro Borba, Gleice Azambuja Elali, Raísa Duquia Giumelli, Marciane Cleuri Pereira Santos, Camila Moura de Lima, Dione

Moreira Nunes, Fernanda Dagmar Martins Krug, Márcia de Oliveira Nobre, Mariely Lima, Liliana de Sousa, Glícia Ribeiro de Oliveira, Tatiane Ichitani, Maria Claudia Cunha, Márcia da Rocha Onari, Vera Lúcia Catoto Dias, Anamaria da Silva Martin Gascón Oliveira e Gisele Saviani, pesquisadores da temática principal, tornam plausíveis a realidade do aprendizado dos estudantes no convívio com os animais.

Assim, o artigo divide-se em sete partes: Motivos sociais e ambientais para mudanças educacionais (abordam-se, aqui, os muitos problemas que necessitam de correção urgentemente); Descrenças e créditos em relação aos animais (que trata das nuances das visões pelas quais os animais passaram na história da humanidade); Um desvio das pedagogias tradicionalizadas (que fala sobre as falhas do antigo ensino e propões nova forma de se educar); Compreensão sobre AAA, EAA, IAA e TAA (mostram-se os bem-vindos conceitos); Práticas da aprendizagem com animais experimentadas (tem-se a reunião de diversas atividades com natureza e animais); As habilidades desenvolvidas nos alunos (assinalam-se os benefícios desse relacionamento); e, por fim, As boas consequências dos novos costumes (onde põemse resultados melhores para uma vida toda e para todas as vidas).

DESENVOLVIMENTO

1. MOTIVOS SOCIAIS E AMBIENTAIS PARA MUDANÇAS EDUCACIONAIS

A existência de nosso planeta e de nossa socialização se encontra sob ameaça, em diferentes qualidades e quantidades de problemas. La Taille conta sobre a vontade de Cortella de escrever um livro sobre vícios contemporâneos, delineando dois temas principais, a saber, as degradações da moral política democrática e do meio ambiente/ da mudança climática, as quais, segundo ele, ‘nos 12 anos que se passaram adquiriram, infelizmente, dimensão social incontornável’ (CORTELLA; LA TAILLE, 2017, p. 10). Em decorrência disso, mostram os diversos problemas:

> [...] Escolheria, por exemplo, histórias ligadas à degradação da moral políticas em algumas democracias; outras relativas, por exemplo, à arrogância de alguns Estados nacionais quanto ao controle da vida coletiva; haveria também uma sobre o uso da religiosidade como forma de alienação e domínio econômico sobre o mercado religioso; sobre o mundo do trabalho que exaure aqueles que nele estão, impedindo uma vida familiar saudável; sobre a degradação do ambiente [...] Nós, seres humanos, somos muito arrogantes [...] Nossa arrogância chega a tal ponto que, entre nós, é absolutamente ofensivo você chamar alguém de “animal”. No entanto, para cada ser humano que há

no planeta, existem sete bilhões de insetos. Imagine se hoje à noite eles vêm nos visitar, se só a nossa respectiva quota vem nos visitar. Batem à nossa porta e dizem assim: "Qual é? O que vocês estão fazendo com o nosso planeta? Vocês acham que são proprietários dele? Não são. Vocês são só usuários compartilhantes. Aliás, a gente já estava aqui antes de vocês chegarem. E se bobear, vocês vão embora – porque a natureza liquida tudo que ameaça a vida – e nós vamos continuar no planeta". Acho que que essa soberba, essa forma de arrogância é um vício extremamente forte no nosso cotidiano. Claro, temos uma sociedade viciada em várias coisas – e aí usando a palavra vício não no sentido moral, ligado ao consumo de substâncias ou coisas inadequadas –, mas viciada no sentido de apodrecida (CORTELLA; LA TAILLE, 2017, p. 35-36).

Mell (2018, p. 99 e seg.) descreve, a partir de várias fontes, o problema da não absorção do dióxido de carbono – desmatamento, efeito estufa, aquecimento global – devido, em sua maior parte, às indústrias de agricultura, pecuária, laticínios e ovos e o problema do grande consumo de água destas, explicando que a produção de grãos poderia acabar com a fome mundial e que uma dieta vegana resolveria a crise do clima. Thunberg et al. (2019, p. 46) questionam o conceito de sustentabilidade e o estilo de vida humano:

É o planeta que nos fala através de nossas tabelas e gráficos. Vemos como os gráficos flutuantes consomem o gelo no Norte. A Terra está com febre, mas a febre é apenas um sintoma de uma crise de sustentabilidade maior, na qual nosso estilo de vida e nossos valores são o que, de fato, ameaçam nossa sobrevivência futura.

Tudo se resume a crise de sustentabilidade. Ela abrange a poluição do ar e da biosfera, bem como os sistemas econômicos e políticos, e nos leva ao cerne da condição da saúde humana.

Adentrando-se o campo social e focando-se no racismo como um exemplo de seus problemas, analisa-se a precariedade familiar e educacional das camadas mais pobres. Braga (2016, p. 9) aborda a democracia racial como um mito numa sociedade na qual o racismo se oculta, ao passo que é reproduzido por escola, família, mídia, etc. – o que não deixa de ser um tipo de violência provocada nos grupos vulneráveis, conforme o pensamento de Bourdieu e Passeron.

Compreende-se que o termo de violência simbólica, que diz expressamente a ruptura com todas as representações espontâneas e as concepções espontaneístas da ação pedagógica como ação não violenta, seja imposto para significar a unidade teórica de todas as ações caracterizadas pelo duplo arbitrário da imposição simbólica. Compreende-se ao mesmo tempo a dependência dessa teoria geral das ações de violência simbólica (sejam elas exercidas pelo curandeiro, pelo feiticeiro, pelo padre, pelo profeta, pelo propagandista, pelo professor, pelo psiquiatra ou pelo psicanalista) a uma teoria geral da violência e da violência legítima. Dependência de que é testemunha diretamente a substituibilidade das diferentes formas de violência social e, indiretamente, a homologia, entre o monopólio escolar da violência simbólica legítima e o monopólio estatal do exercício legítimo

da violência física (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p.18).

[...] entendemos que vulnerabilidade é um conceito multidimensional e se refere à condição de grupos que se encontram em fragilidade e que estão expostos a riscos e níveis altos de desagregação social. Está associado ao processo de exclusão social, discriminação, que podem ser provocados pela pobreza, crises econômicas, nível educacional, localização geográfica precária, baixos níveis de capital social humano e cultural (BOURDIEU apud BRAGA, 2016, p. 24).

Se o racismo é um problema causado, em parte, por uma fragilidade política na educação e na família, outros problemas, citados na introdução, são igualmente.

Freinet (1998, p. 190) alerta sobre aspectos da pobreza:

A criança depara cedo demais com problemas insolúveis para ela: a doença, a invalidez, a miséria, a fome, a sombria frieza da rua, a desumanidade dos recursos-barreiras sociais e a indiferença dos indivíduos ao seu redor. Tentou em vão vários recursos, tentou refúgios. Só lhe resta um meio de salvar-se. Apega-se a ele, agarra-se a ele, seja o roubo, a maldade, a malícia ou a violência. Ela é, queira ou não, forçada a constituir para si uma técnica de vida baseada no único ou nos únicos elementos que lhe restam.

Quanto aos cuidados, sobre o ato dos pais de dar o celular para a criança a fim de que a mesma fique quieta, Cortella e La Taille (2017, p. 21) repudiam: '[...] se você tem filhos, tem que cuidar deles. Dar para uma criança algo que a distraia para que ela fique quieta é o mesmo que lhe oferecer um entorpecente para que faça isso. A criança emburrece se não ficar olhando para o mundo à sua volta'. Saviani (2018, p. 19) aponta, também, o problema do celular e das redes sociais em sala de aula, nessa era globalizada, como um catalisador da atenção dos alunos e do seu desinteresse pelas disciplinas curriculares. Além disso:

[...] existe a questão das drogas, as separações dos pais, pois muitos alunos são filhos de pais separados, outros são filhos de pais alcoólatras, drogados ou ausentes, pais violentos que batem, gritam, enfim, como conseguir aprender quando está vivendo esse "turbilhão" interno.

Lima e Sousa (2004, p.157) denotam que o afastamento da natureza através do advento da tecnologia leva o homem a indicadores de mal-estar: '[...] o stress, a ansiedade, a falta de segurança e de relações interpessoais de qualidade que estão na origem, muitas vezes, do aparecimento de diversas patologias, como a depressão'. A Organização Mundial da Saúde, em 2000, trouxe dados de 815 mil suicídios, contra 520 mil mortes por crimes e 310 mil mortes em guerras (CORTELLA; LA TAILLE, 2017, p. 25).

Assim, Thunberg et al. (2019, p. 174) adverte: 'Nossa ignorância sobre a crise climática e de sustentabilidade tornou-se um dos maiores ativos financeiros do mundo. Essa ignorância é um pré-requisito absoluto para a continuidade do crescimento econômico. A ignorância é nossa nova moeda'. Lutando contra essa ignorância, Giannella (2019, p. 45) pontua que um país precisa aumentar sua resiliência e uma das ações necessárias para tanto

é: 'Educação, pesquisa e inovação para garantir que sempre estejamos prontos para enfrentar mudanças'. E Freinet (1998, p. 36), em relação à educação saudável, complementa:

[...] Somos impotentes para criar qualquer coisa. Não suscitamos a torrente, mas podemos ajudar a vida a realizar-se, a torrente a seguir seu destino com um potencial máximo de potência. Nisso reside o papel, limitado, mas quão cheio de possibilidades, da verdadeira educação.

2. DESCRENÇAS E CRÉDITOS EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS

A relação homem/animal data desde muitíssimo antes de Cristo, sendo que, por causa da antiga domesticação dos cães, '[...] eles desenvolveram sua capacidade de inibir a agressividade [...]' (GRANDIN; JOHNSON apud SAVIANI, 2018, p. 16). Waal (2021, p.22), na sua observação detalhista do reino primata, afirma, veementemente, que as emoções dos animais devem trazer o esclarecimento para o homem sobre sua própria existência, visto que a expressão de primatas e seres humanos é parecida, não excetuando os outros tipos de animais (peixes, aves, insetos, moluscos), cuja vivência emotiva é intrínseca.

[...] Fazemos isso inconscientemente, como fazemos tantas coisas que lembram o comportamento de outros primatas. No entanto, gostamos de nos ver como atores racionais que sabem o que estão fazendo, enquanto retratamos outras espécies como autômatos. Não é tão simples assim (WAAL, 2021, p.13).

[...] Na verdade, todas as nossas instituições e realizações mais queridas estão intimamente entrelaçadas às emoções humanas e não existiriam sem elas (WAAL, 2021, p.22).

Waal (2021, p.16) salienta que, por volta de 1970, '[...] a ciência não estava pronta para a ideia de que outras espécies praticam reconciliação [...]' e que ela via os animais como violentos – influência da filosofia de Thomas Hobbes. Jan van Hooff (WAAL, 2021, p. 25 e seg.), biólogo holandês que orientou sua dissertação, causou intensa comoção/espanto no público ao se encontrar com Mama, uma matriarca chimpanzé; Waal teve, outrossim, um bom relacionamento com Mama – ademais, o mesmo a nomeou –: 'O fato de ficarmos impressionados porque Mama se lembra de mim é um sinal do pouco crédito que a humanidade dá às capacidades emocional e mental dos animais' (WAAL, 2021, p. 29).

[...] A visão predominante do século XVIII até meados do XX era de que a natureza era perigosa e a ciência é que era boa. Agora, há quase uma inversão: a ciência é perigosa, ela destrói a natureza, mas a natureza é boa. Então, creio que esse desencantamento com algo que é uma produção humana tem o seu papel na crise de sentido [...] (CORTELLA; LA TAILLE, 2017, p. 28).

Consoante a essa transformação da mentalidade da sociedade, vem surgindo uma tímida, não obstante, maior facilidade de exemplificar a boa convivência entre pessoas e animais na literatura. '[...] precisava sair correndo para busca-la na escola. Para junto de Moses, só Moses conseguia ajuda-la' e 'Ela ficava horas sentada com nosso Golden retriever,

fazendo carinho e alisando seu pelo [...]' (THUNBERG et al.,

2019, p. 21). '[...] É emocionante o que o amor é capaz de fazer. Em pouco tempo, Marley e Gisele não só aceitaram o bebê como se tornaram guardiões dele [...]' (MELL, 2018, p. 121). 'Quando animais ou crianças começam a entender o que está acontecendo com uma pessoa que sofre, eles deixam para trás a atração cega e demonstram preocupação empática [...]' (WAAL, 2021, p. 140).

[...] os cães, como muitos mamíferos, estão perfeitamente sintonizados com os corpos dos outros. Eles não só são ótimos sincronizadores como também gostam disso. Alguns cães aprendem a pular corda junto com as crianças, enquanto outros seguem um bebê humano pela casa, rastejando de barriga junto com ele (WAAL, 2021, p. 131).

Com tal mudança, nesses últimos anos, apesar de bastantes indústrias abusarem do sofrimento animal demasiadamente, engendram atores (da proteção animal, ciência e filosofia, como Peter Singer), que lutam contra maus-tratos e experimentação científica em animais (BORBA, 2017, p. 194-195).

Logo, qualquer prática experimental que coloque a vida de um animal em risco, privação de liberdade, violência por retirá-lo do seu habitat natural e convívio com outros animais, fome, sede, ou mesmo como técnica, não representa o respeito à alteridade, à empatia e animalidade do animal (BORBA, 2017, p. 194).

Posto que há singelo sucesso nessas iniciativas para com o bem-estar animal, o homem se afastou da natureza e das diversas espécies, da zona rural, e se concentrou na cidade, com o isolamento tecnológico e religioso, impedindo a comparação da vida dos animais com a sua, a relação familiar e comunitária e, dessarte, a condição ideal do seu pleno desenvolvimento (LIMA; SOUSA, 2004, p.157).

[...] A educação mecanicista de hoje tende a destruir os sentimentos positivos que a maior parte das crianças sente pela natureza, esquecendo que, nomeadamente, os animais são seres vivos que crescem e se adaptam e não simplesmente tecidos para experimentação [...] (FOX apud LIMA; SOUSA, 2004, p.157).

[...] Em consequência destas modificações no ambiente e a progressiva falta de contato com o meio natural, surgiu um forte desejo de reactivar a relação com a natureza através da adopção de animais de companhia e, muitas vezes, do uso de objectos que simbolizam a vida em meio natural [...] (SALLISBURY; SERPELL apud LIMA; SOUSA, 2004, p.157-158).

3. UM DESVIO DAS PEDAGOGIAS TRADICIONALIZADAS

O termo militância pode dar azo, bem o sei, a muitos subtendidos. Ele resume, para mim, os atos intensamente vividos que me permitiram adquirir base na vida, integrar-me totalmente nas experiências leais feitas em colaboração com os educadores do povo que, como eu, têm de resolver os mesmos problemas no seio de uma mesma classe social. Isto exprime bem a necessidade, diante da qual sempre me encontrei, de entrar no jogo da dificuldade, de rejeitar o esquema unilateral, a abstração metafísica, para

fazer surgir do instante vivido o processo histórico em seu duplo aspecto individual e social. Isto explica também que eu tenha sido mais técnico que psicólogo, que tenha tendido, com todos os meus meios, a me orientar para uma ciência cuja primeira exigência é, antes de mais nada, a de ser prático. Compreender-se-á sem dificuldade minha desconfiança das diversas escolas psicológicas, espiritualistas ou falsamente experimentais que são, de fato, apenas aspectos variados das eternas oposições filosóficas que dão primazia ao dogma sobre a experiência. Meus companheiros e eu não temos outra ambição senão trabalhar diretamente a vida e tentar lançar as bases vigorosas de uma pedagogia de ação [...] (FREINET, 1998, p. 1).

Freinet (1998, p. 2 e seg.) um dos precursores da inovação didática na relevância da participação do jovem na natureza, fundamenta-se na teoria do tateamento, a qual prevê que a criança viva a lei natural – nascer, crescer, reproduzir e morrer –, a fim de que a construção de sua personalidade respeite a enorme energia dessa idade e atinja o potencial máximo de vida, intuindo o educador do futuro as impotências do ser e evitando erros irreparáveis. Para tanto, sua crítica se destina às falas dos especialistas e aos estudos dos métodos tradicionais, que não lidam com os obstáculos da sociedade imperfeita, que reduzem e até eliminam o excesso de vitalidade por meio do aprisionamento, denotando esta sapiência como errônea, pois o indivíduo isolado do mundo é incompleto.

O pedagogo (FREINET, 1998, p. 25-26) enxerga que a educação como ela é se configura ineficiente para conduzir uma harmonia interna do ser, juntamente ao seu exterior dotado de movimento. As normas do passado estável não conseguem cobrir o presente dinâmico e a preparação para a vida tem de encontrar nos velhos instintos de permanência novas técnicas para dominar, com frutos e progresso, esse novo e mutável ambiente. Isso posto, '[...] A escola pretendia preparar o caminho: preocupava-se, sobretudo, em evitar os acidentes e achava mais simples interditar o acesso à tábua ou puxá-la prudentemente para a margem. O que é uma solução inaceitável de derrota' (FREINET, 1998, p. 29).

Garcia, França, Prescott apud Elali (2003, p. 309 e seg.), partindo de minuciosa pesquisa e vários autores, critica severamente a contradição entre discurso e prática existente no dia a dia de alunos e professores dentro do ambiente escolar. Ela explica que queixas de doenças, dores, má postura da coluna ligam-se à escola e as carências, nos centros urbanos do Brasil, são socioeconômica, socioafetiva, de espaço físico, de tempo livre e de natureza (plantas, animais, terra, água). Desse modo, a arquitetura da escola serve, somente, como delimitação do espaço da educação, modelação do comportamento espontâneo, sem a consideração das relações e do desenvolvimento. Em contrapartida, explicita que a criança menor prefere ambientes naturais e áreas externas. Preconiza Barker e Bronfenbrenner como teóricos contribuidores da relação humano-ambiental e cita Freinet, que moveu a aula para fora do ambiente escolar e inspirou trabalho em grupo, produção de material didático, mesas maiores e equipamento de reprodução textual.

Logo, com a observação das críticas, nascem exímias oportunidades:

Dentre estes teóricos, localizei F. B. Skinner (1904-1990) e L. Vygotsky (1896-1934) que se destacam por realizarem algum tipo de estudo e/ou experimentos para validar suas teorias. Nessas teorias, os animais não passam de objetos de estudo para confirmação teórica e poucos créditos são dados à sua importância no desenvolvimento infantil. Eis que, com o advento das IAA's, essa situação passa a ser repensada visto que nas intervenções os animais assumem o lugar de colaboradores e não de objetos ou recursos terapêuticos (BORBA, 2017, p. 190).

[...] Os animais domésticos são providos de afeto, sendo fonte de carinho, companheirismo e inesgotável fonte de amor. Podem constituir um rico auxílio no trabalho pedagógico, tanto com crianças normais, quanto crianças com necessidades especiais (ONARI apud ONARI et al., 2011, p.3).

4. COMPREENSÃO SOBRE AAA, EAA, IAA E TAA

[...] A prática pode ser nomeada de Intervenções Assistidas por Animais (IAA) e subdividida em: Atividade Assistida por Animais (AAA), onde a interação com os animais possui fins de lazer e recreação; Terapia Assistida por Animais (TAA), caracterizada por apresentar um objetivo específico, planejamento e um profissional da saúde envolvido e a Educação Assistida por Animais (EAA), envolve um profissional da educação e está vinculado ao processo de aprendizagem com o intuito de estimular o aspecto psicomotor e psicossocial [...] (DOTTI; ABRAHÃO; CARVALHO apud LIMA et al., 2018, p. 55).

Mello, Dotti, Petenucci apud Borba (2017, p. 190 e seg.) anuncia Nise da Silveira, psiquiatra alagoana, como pioneira dessa prática alternativa, em 1955, no Hospital Pedro II, localizado na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro: ela não aderiu à lobotomia, nem aos choques elétricos, preferindo tratar seus pacientes com a arte da pintura no convívio dos animais como coterapeutas e obtendo ótimos resultados. Revela, aliás, que as intervenções já sucedem no interior da escola e exteriormente a esta, com crianças, adolescentes ou adultos, valendo-se de jogos e leitura e cães e cavalos, em sua maioria. Nebbe apud Lima e Sousa (2004, p.166167), na terapia, defendem que o animal vê a pessoa como é, sem a emissão de preconceitos, o que auxilia a comunicação entre ela e o profissional e o seu processo de tratamento.

Decroly e Monchamp (2015, p. 16 e seg.), na pedagogia para crianças com necessidades especiais e não especiais, pesquisam jogos e atividades recreativas (confecção de cestaria, flores, cabana, avião, barco, trajes, adereços e brinquedos, uso de areia, argila e água, reprodução de animais, trabalho, caderno e adornamento de jardim, brincadeiras sociais de imitação no jardim, alimentação de animais, modelagem, desenho e pintura da natureza, criação de lagarta, bicho-da-seda, peixe, tritão, salamandra, coelho, cabra, galinha e abelha, peneiração de cinza, separação de lenha, fotografia, coleção de minerais, cartões de variados aprendizados com animais desenhados), facilitadores de atenção, afetividade, as-

pecto sensório-motor – este deve preceder cálculo, leitura e escrita –, intelecto, memória, linguagem e caráter.

Elali (2003, p. 311) analisa Decroly e dá vazão a Froebel:

Explicitando que o contato da criança com a dinâmica da natureza a estimulava em diversos sentidos, Decroly valorizava o espaço exterior como fonte de saúde e elemento gerador de curiosidade/ conhecimento/ aprendizado. Para facilitar tal processo a escola deveria dispor de área verde e animais, de modo a possibilitar o acompanhamento da variação das estações do ano e da evolução natural.

Defendendo o jogo, a psicomotricidade e a jardinagem como atividades a serem incentivadas/ práticas na escola, Froebel alertou para a integração escola-natureza e, portanto, para a necessidade desta conter espaços livres utilizáveis pelos estudantes.

5. PRÁTICAS DA APRENDIZAGEM COM ANIMAIS EXPERIMENTADAS

Freinet (1998, p. 27 e seg.) delimita que o homem deveria ser como o pássaro, que escolhe melhor lugar e forma com a finalidade de preparar seu ninho. De fato, a natureza, cujo tempo percorre mais vagarosamente, figura a melhor educação harmônica. E se, por quaisquer acasos, não se puder viver nisso, deve-se tentar chegar o mais próximo possível, porquanto a essência da criança não se alterou pelo rápido tecnicismo: ela tem inquietação por querer fazer tudo por si só. A natureza é perfeita fonte de recursos para o ser inquieto – o qual busca suprir sua potência e limite sempre – e, nela, ele não fracassa, mas se integra às regras de vida facilmente.

Toda criança precisaria de um grande jardim, mas não de um jardim racionalizado [...] (FREINET, 1998, p. 184).

[...] as crianças poderão, de manhã à noite, sozinhas ou inteligentemente acompanhadas, tatear e experimentar à vontade: meter-se no barro de um canal e sair sozinhas dele; saltar um muro, escalar entre os rochedos, trepar numa árvore, acariciar o cachorro, perseguir as borboletas, colher flores, brincar na terra ou na beirada da água, ou então, organizar-se dentro das cabanas e grutas [...] (FREINET, 1998, p. 186).

Ora, a criança que, ao correr pelo campo, estaca subitamente diante do tatuzinho que se enrola como bola, diante do inseto ferido que bate penosamente as asas, ou diante dos progressos realizados numa noite pelo rebentar dos brotos, esta criança é essencialmente ativa, e sua atividade é superior, uma vez que já se alça à dignidade do ato intelectual (FREINET, 1998, p. 187).

Oliveira et al. (2016, p.761-762) dirigiram uma experiência em creche-escola, em 2012, na cidade de São Paulo, com parceria de uma ONG. No decorrer de alguns encontros, as crianças selecionadas participaram, em grupo, de atividades motivacionais de persistência com cães. Um menino, agressivo, hiperativo, desconcentrado, com capacidade diminuída da fala e de expressão de emoções e isolado e hostilizado, destacou-se por se dar muito bem com uma cadela, aprender a treiná-la e ajudar seus colegas no treinamento. Sua melhora foi significativa, não teve mais re-

pulsa pelos cães e ganhou de sua família uma cachorrinha, à qual deu igual nome ao de sua coterapeuta.

Dotti, Solé apud Onari et al. (2011, p.1 e seg.) cultivaram atividades significativas e contextualizadas (motivadoras), correlacionadas aos conteúdos clássicos das disciplinas, (ONARI et al., 2011, p. 2-3) intermediando uma pesquisa em sala de reforço intensivo de uma escola pública de ensino fundamental, em 2013, no município de São José dos Campos, SP: oficinas de leitura com coelho, letras de música, folders informativos, escritas em formatos diferentes, textos de livros e revistas, apreensão de vocabulário, montagem e cuidado de aquário com peixes, recolha de fezes e cuidados do cão, elaboração de livro. Tudo com base na temática dos animais. As crianças se abriram ao professor e à aprendizagem, conscientização e compaixão, formando um grupo colaborativo.

6. AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS

[...] Foi tentando se aproximar de Marley que Enzo engatinhou pela primeira vez. Foi se apoiando em Marley que Enzo ficou de pé pela primeira vez. Mamá, apelido que deu para o Marley, foi uma das primeiras palavras que meu filho pronunciou. Nunca me esqueço do dia em que ele engatinhou até Marley e deu um beijo nele (MELL, 2018, p. 154).

Despertei a empatia de meu filho pelos animais contando histórias de baleias livres sendo felizes e baleias presas que choram em aquários e piscinas. Elas queriam mesmo era nadar em um oceano inteiro com a família delas, como tem que ser. E ele entendeu tão fácil. É realmente simples (MELL, 2018, p. 141).

Lima et al. (2018, p.55-56), com o projeto Pet Terapia da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, aplicaram EAA em alunos com D.I. de uma escola municipal, trabalhando com jogos de quebra-cabeça e memória, movimentos com zíper, cores, números, brinquedos, despedida e outros, na companhia de um cão coterapeuta. As habilidades adquiridas foram: toque, carinho, motricidade fina, alfabetização, escrita, linguagem compreensiva e expressiva, comunicação, raciocínio lógico matemático, autonomia, independência, cognição, afetividade com o cão e as pessoas, concentração, entendimento, foco, segurança e motivação para as atividades, melhora na autoestima, diminuição da ansiedade, colaboração em grupo, resolução de problemas, atenção, memória, conquistas e mudanças de atitude e sentimento.

Além do mais, observa-se: '[...] Pesquisas sérias comprovam que o convívio com animais desde o nascimento até os 5 anos de idade pode evitar uma série de alergias e doenças respiratórias [...]' (MELL, 2018, p. 118). E Sachs-Ericsson, Hansen e Fitzgerald apud Lima e Sousa (2004, p.161) constatam que o contato com o animal diminui triglicerídeos, colesterol, tensão arterial, batimento cardíaco e ritmo respiratório e aumenta temperatura em extremidades corporais.

Assim também nosso comportamento se organiza pela sistematização sucessiva de experiências bem-sucedidas que então como que fazem parte de

nossa natureza, de nosso ser, que já não podemos modificar sem prejudicar seriamente nosso equilíbrio imediato e a solidez definitiva do edifício (FREINET, 1998, p. 49).

7. AS BOAS CONSEQUÊNCIAS DOS NOVOS COSTUMES

A experiência de Onari et al. (2011, p.2), relatada acima, trouxe '[...] noções de posse responsável, controle de zoonoses e educação ambiental' para as crianças. Tatibana e Costa-Val apud Giumelli e Santos (2016, p. 50) completam, ainda por cima, que crianças que contatam animais passam a ser afetivas, solidárias, sensíveis e responsáveis e a ter compreensão do ciclo da vida. Indo mais além, Giumelli e Santos (2016, p. 50) citam a ação exemplar da cidade de Araquari, presente no site da devida prefeitura, a qual aprovou nova lei estabelecedora de proteção, controle reprodutivo e conscientização de maus-tratos, abandono e adoção em direção aos animais; fez palestras em escolas, com a ONG Projeto Esperança Animal (PEAA); esterilizou animais de rua para adoção, com a Fundação Municipal do Meio Ambiente (FUNDEMA); e promoveu desconto do IPTU e fiscalização do animal para quem participasse da adoção.

Analistas do mercado de ações já identificaram a força das preocupações ambientais em afetar os mercados globais. Em 2011, Milo Cress, um garoto americano de nove anos, iniciou uma campanha on-line contra canudos plásticos ("Be Straw Free", que significa, literalmente "liberte-se dos canudos"), obrigando o Starbucks e o McDonald's a agirem. O consumo alimentar de espécies protegidas (como o de barbatana de tubarão, na China) também diminuiu radicalmente nos últimos seis anos graças a campanhas de conscientização conduzidas por jovens nas escolas de Hong Kong [...] (GIANNELLA, 2019, p. 26-27).

Vocês sempre dizem que as crianças são o nosso futuro, que fariam qualquer coisa pelos seus filhos. Temos esperança quando vocês dizem isso. Se é realmente verdade o que dizem, por favor, nos ouçam – não queremos suas palavras de encorajamento. Não queremos seus presentes, seus voos charter, seus hobbies ou suas liberdades ilimitadas de escolhas. Queremos que vocês se posicionem com seriedade em relação a essa grave crise de sustentabilidade que está acontecendo ao seu redor. E queremos que vocês comecem a mostrar a realidade como ela é (THUNBERG et al., 2019, p. 92).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo mudou. Não que o mundo mude a todo momento, mas, sim, que o homem, como o ser transformador que é, tenha trazido, para o século XXI, todas as consequências de suas ações, para si mesmo, para os seus iguais e para a natureza. Nesse ínterim, o fator socioeconômico passou por oscilações – apareceram melhoras e alguma liberdade temerosa –, porém nada que alterasse, deveras, suas valorações a ponto de se extinguir o preconceito ou a pobreza. E o fator ambiental?

Sabe-se que sobrou muito pouco do meio ambiente, flora ou fauna, e que as renovações tecnológicas, simplesmen-

te, deixam a desejar. A tecnologia pode vir a ser boa; todavia, do modo como é desenvolvida, ela vem sendo destrutiva tanto para o habitat natural, quanto para os humanos. Não é à toa que, hoje, não se vive. Hoje, sobrevive-se frente a tantos problemas políticos, familiares, profissionais, emocionais, psicológicos e de saúde. A pressão é frenética, não se vê mais o céu estrelado, não se respira um bom ar, não se alimenta saudavelmente...

A solução: a transvaloração da educação familiar e escolar! Ora, enfatizando-se a escola, logicamente, em razão de que ela é a suma esperança capaz de nortear os verdadeiros valores afetuosos, sustentáveis, ambientais e de respeito e responsabilidade, em meio à articulação (à um 'furacão') de obrigações, cumprimento moral e dos conteúdos, tantas crises de convivência e recursos escassos que seus integrantes subsistem – o que a escola periférica supera constantemente.

Destarte, como Cortella e La Taille (2017, p. 13) refletem as tentativas educacionais, '[...] labirintos não são celas fechadas a quatro chaves: há uma ou mais saídas [...]', um caminho viável para essa metamorfose é a reativação do contato dos alunos com os animais e a natureza. Se assim for, ter-se-ão culturas críticas, como

Giannella (2019, p. 10) pensa sobre Greta: '[...] Uma garota destemida despertou a consciência de uma geração inteira e a tornou concreta e visível: milhares de jovens compartilhando princípios universais de ciência, respeito e equilíbrio da Terra'; e culturas sensíveis, como conclui Mell (2018, p. 46-47): 'Com Mickey e Gisele eu me tornei mãe. Com eles, conheci a minha melhor versão. Por ironia do destino, os animais é que me fizeram mais humana [...]'.

DEVELOPING SKILLS:

THE CONTACT OF CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH ANIMALS AT SCHOOL

ABSTRACT

This article does not follow an opposite direction, but distinct and complementary, alongside standardized pedagogies. The negative criticism of these pedagogies is not intended, but collaboration for the constitution of options for alternative teaching-learning practices with animals, passing through obstacles imposed on such practices and social and environmental motivations for their existence. Soon after, there is an approach on the concepts of AAA (Animal Assisted Activity), EAA (Animal Assisted Education), IAA (Animal Assisted Intervention) and AAT (Animal Assisted Therapy) and on some optimistic experiences and already practiced in schools. Finally, the results of these practices are presented: students developing motor coordination skills, affection, respect and responsibility and their possible long-term effects for a better humanity and better treatment of nature and animals. The conducted method is bibliographic, based on researchers with published articles on experienced analyzes of teaching through animals and on authors from the areas of activism, journalism, biology, philosophy, psychology, sociology and pedagogy.

REFERÊNCIAS

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Contribuições da Educação Assistida por Animais –

EAA para a Psicologia da Educação: uma análise fenomenológica. Inter Espaço – Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, Grajaú, MA, v. 3, n. 11, p. 187-210, dez., 2017. Disponível em:

http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6088/512 7. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRAGA, Cristine da Silva. O papel da escola na desconstrução do racismo. São Paulo: Edicon, 2016.

CORTELLA, Mario Sergio; TAILLE, Yves de La. Nos labirintos da moral. 11. ed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2017.

DECROLY, Jean-Ovide; MONCHAMP, Eugénie. Iniciação à atividade intelectual e motora pelos jogos educativos. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. Estudos de Psicologia, Natal, RN, v. 8, n. 2, p. 309-319, ago., 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200013. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

FREINET, Célestin. Ensaio de psicologia sensível. Trad. Cristiane Nascimento e Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIANNELLA, Valentina. Somos todos Greta: inspire-se para salvar o mundo. Trad. Regiane Winarski. São Paulo: V&R Editora, 2019.

GIUMELLI, Raísa Duquia; SANTOS, Marciane Cleuri Pereira. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies, Goiânia, GO, v. XXII, n. 1, p. 49-58, jul., 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357746390007. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

LIMA, Camila Moura de; NUNES, Dione Moreira; KRUG, Fernanda Dagmar Martins; NOBRE, Márcia de Oliveira. Educação Assistida por Animais: estratégia promissora no âmbito escolar. Revista Brasileira de Educação e Saúde, Pombal, PB, v. 8, n. 4, p.54-57, out./dez., 2018. Disponível em: https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/5946/5350. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

LIMA, Mariely; SOUSA, Liliana de. A influência positiva dos animais de ajuda social. Interacções – Sociedade e as Novas Modernidades, Coimbra, Portugal, n. 6, p. 156-174, abr., 2004. Disponível em: https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/106/110. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

MELL, Luisa. Como os animais salvaram minha vida. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2018.

OLIVEIRA, Glícia Ribeiro de; ICHITANI, Tatiane; CUNHA, Maria Claudia. Atividade Assistida por Animais: efeitos na co-